

## O EXISTENCIALISMO EM VERGÍLIO FERREIRA: A FILOSOFIA DA SUA OBRA LITERÁRIA

### *Existentialism in Vergílio Ferreira: philosophy in his literary work*

LOPES, Fabiana<sup>1</sup>, & RODRIGUES, João Bartolomeu<sup>2</sup>

---

#### **Resumo**

O presente artigo alvitra a elucidação e a compreensão da filosofia existencialista do romancista Vergílio Ferreira, tal como do próprio movimento filosófico. Ademais, a contemplação de tal linha de pensamento será exequível recorrendo a uma das obras do autor, intitulada *Manhã Submersa* (1954). Na qual, o ficcionista situa o seu pensamento e a sua escrita na confluência metamorfótica entre a estética do neorrealismo e a filosofia do existencialismo. Dessarte, os subsequentes parágrafos pretendem ilustrar a matriz literária de Vergílio Ferreira, que embarca numa viagem à procura e à descoberta de si, do outro e do cosmos que o rodeia. Atendendo infindavelmente ao quesito existencial: Quem sou eu? Quem são os demais? Qual o meu propósito? Qual o nosso propósito?

#### **Abstract**

This article aspires to elucidate and clarify the existentialist philosophy of the novelist Vergílio Ferreira, as well as the philosophical school of thought itself. Furthermore, the contemplation of such a line of thought will be feasible by resorting to one of the works of the author, entitled *Manhã Submersa* (1954). In which, the fictionist situates his thought and his writing at the metamorphotic confluence between the aesthetics of neo-realism and the philosophy of existentialism. Thus, the subsequent paragraphs intend to illustrate the literary matrix of Vergílio Ferreira, which embarks on a journey in search of and discovery of the self, the other and the cosmos that surrounds it. Endlessly focusing on the existential question: Who am I? Who are the others? What is my purpose? What is our purpose?

**Keywords:** *Existentialism; Vergílio Ferreira; Manhã Submersa; Philosophy.*

**Palavras-chave:** *Existencialismo; Vergílio Ferreira; Manhã Submersa; Filosofia.*

**Data de submissão:** janeiro de 2021 | **Data de publicação:** dezembro de 2021.

---

<sup>1</sup> FABIANA LOPES - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL. E-mail: [itsfabianalopes@gmail.com](mailto:itsfabianalopes@gmail.com)

<sup>2</sup> JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro | Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, PORTUGAL. E-mail: [jbarto@utad.pt](mailto:jbarto@utad.pt)

## INTRODUÇÃO

A presente investigação centra-se no âmago do Pensamento Português, tem como objetivo asseverar a filosofia presente no pensamento de Vergílio Ferreira, tendo em especial atenção o seu célebre romance *Manhã Submersa* (1954).

Destarte, trata-se relevante encetar a introdução do artigo por uma pequena exploração do que é de facto a filosofia. Definida pelo estudo de questões, a filosofia é alusiva ao dialeto, o que significa que uma entidade expõe uma ideia e logo após essa exposição, um outro indivíduo retorque à mesma. Torna-se, por isso, possível afirmar que a filosofia é a manifestação da literatura, visto que onde há filosofia, há literatura. Deste modo, é possível subentender que este género artístico tem como primordial ocupação a expressão de liberdade, ao passo que a filosofia oferece à entidade a liberdade de se manifestar, tal como, de se exprimir. Por conseguinte, a literatura e a arte florescem unes da emoção, embora a literatura se assente nela enquanto a filosofia “[...] dá uma volta pelas razões para àquela voltar e a partir dela recomeçar o exercício intérmino do questionar [...]” (Sousa 2008, p. 131), sendo nesse particular aspeto que se divergem.

Posto isto, o artigo seguirá uma disposição de conteúdos. Em primeiro lugar, será examinada a biografia do autor, de forma a contextualizar o espírito do mesmo e o manuscrito que virá à *posteriori*. Em seguida, de forma a salientar a vertente existencialista do romancista Vergílio Ferreira, é indispensável abordar a conceção da corrente filosófica designada por Existencialismo. Note-se que ponderar sobre o existencialismo revela-se ser algo incrivelmente árduo. E, por isso, de modo a principiar a compreensão da filosofia existencialista, é imprescindível abarcar o que o existencialismo não é. Ou seja, esta linha de pensamento não é um sistema filosófico, nem deve ser notado como um conjunto de doutrinas, pelo contrário, é presumivelmente mais bem categorizado como um movimento filosófico. Consequentemente, será exposto tal movimento filosófico através da escrita de Vergílio Ferreira, que observa o existencialismo como uma linha de pensamento que beneficia e eleva o *ente*, conduzindo-o à indagação de si próprio e dos outros, bem como do mundo. Por fim, tal elucidação será possível recorrendo ao romance do autor, *Manhã Submersa* (1954).

Para concluir, o presente artigo pretende abordar e retorquir à questão: Em que medida é a obra de Vergílio Ferreira denominada *Manhã Submersa* (1954), um retrato existencialista? Deste modo, através dos próximos parágrafos será possível embarcar

numa jornada transcendente e metafísica da mente e da alma de Vergílio Ferreira. Velejando e explorando as reminiscências ocultas de um menino e de um jovem que eventualmente concederam luminosidade aos pensamentos e vida às páginas, embebedadas por sublime palavras, capazes de solfejar durante décadas a existência do autor.

### **Vergílio Ferreira**

Romancista e ensaísta lusitano, oriundo de Melo, no distrito de Guarda, Vergílio Ferreira<sup>3</sup> nasce durante as horas tardias do dia 28 de janeiro de 1916, tendo partido do mundo material no ano de 1996.

Notável afirmar que o escritor cresce numa época de guerra. Visto que, um mês e meio após o seu nascimento, Portugal recebe uma Declaração de guerra por parte da Alemanha, convocando o país lusitano a marchar contra os canhões e a introduzir-se no contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Com isto, durante a sua infância, Vergílio esteve exposto a vários fatores como por exemplo o Pós-Guerra, que moldaram e delinearam aos poucos o indivíduo que subsequentemente se tornou. Dessarte, as consequências da Primeira Guerra Mundial foram vistas e sentidas pela sociedade lusíada, levando ao desmoronamento e à desestabilização da mesma. Ademais, o surto de emigração fora uma outra problemática do período que sucedeu a Grande Guerra. Tal surto acaba por afetar a família de Vergílio Ferreira, conduzindo à expatriação do pai e da mãe do escritor para os Estados Unidos, quando o romancista tinha apenas quatro anos de idade (Pinto 2013: 53-54). Deste modo, o autor da obra *Manhã Submersa* (1954) é entregue, juntamente com os seus irmãos, ao cuidado das tias maternas. Ocorrência essa descrita pelo escritor através das seguintes palavras:

Vejo o meu pai, no limite da minha infância, dobrar a porta do pátrio, com um baú de folha na mão. [...] Devo ter o olhar espantado e ofendido por ele partir. Mas alguns meses depois o corredor da casa de minha avó amontoa-se de gente, na despedida de minha mãe e da minha irmã mais velha que partiam também. Do alto dos degraus de uma sala contígua, descubro um mar de cabeças agitadas e aos gritos. Estou só ainda, na memória que me ficou. Depois, não sei como, vejo-me correndo atrás da charrete que as levava. O cavalo corria mais do que eu e a poeira que se ia erguendo tornava ainda a distância maior. Minha mãe dizia-me adeus de dentro da charrete e cada vez de mais longe. Até que deixei de correr. Dessa vez houve choro pela noite adiante – tia Quina

---

<sup>3</sup> Consagrado com o Prémio Camões em 1992, prémio esse considerado como a maior honra entre os escritores de língua portuguesa. Além disso, foi galardoado com o Prémio de D. Dinis em 1981. Similarmente, a Universidade de Évora criou, em 1997, o Prémio Vergílio Ferreira de forma a homenagear o escritor português.

contava, conta ainda. Mas não conta de choro algum dos meus dois irmãos que ficavam também. Deve-me ter vibrado pela vida fora esse choro que não lembro (Godinho & Ferreira 1993, p. 117).

Após alguns anos, o jovem escritor de Gouveia vê-se inserido num Seminário e retirado, uma vez mais, do seu contexto familiar. Tal inserção advém-se devido à vigorosa devoção e religiosidade da família Ferreira, que desejavam que Vergílio seguisse a vocação sacerdotal. De igual forma, a educação que o romancista recebe no Seminário do Fundão exerce uma descomunal pressão sobre o seu ser e sobre a sua consciência, marcando toda a sua infância e adolescência, refletindo-se tal-qualmente nas suas obras. A antecedente afirmação pode ser comprovada pelo seguinte trecho:

Não foi bom esse período do Seminário: solidão, desconforto, rigidez de internato... [...]. A saída do seminário correspondeu a um desejo de libertação em todos os aspetos. [...] Mas é bom frisarmos isto: o problema de ordem religiosa é rarissimamente um motivo que leva o seminarista a deixar o seminário. Os mais importantes são a libertação sexual e o contacto com o mundo (Ferreira, 1981, pp. 25-26).

Evidentemente, Vergílio Ferreira termina a educação seminarista no ano de 1932, prosseguindo os estudos no Liceu da Guarda e completando a sua licenciatura em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1940. Devido à instrução que acumula nos variados institutos de ensino que frequenta, Vergílio realiza-se como professor liceal, o que o auxilia nos seus primeiros passos como escritor.

Além disso, Vergílio Ferreira afirma-se no panorama da Literatura portuguesa como o romancista que de melhor forma simboliza e patenteia a noção de romance, subjugado pela omnipresente temática existencialista. De acordo com Eduardo Lourenço, do ponto de vista ideológico, Vergílio Ferreira é caracterizado como:

[...] um autor de ruptura e de tentativa de superação e reformulação do ideário neo-realista; numa perspectiva metafísica, como escritor existencialista; numa perspectiva simbólica, como romancista de uma espécie de niilismo criador ou talvez melhor, de humanismo trágico ou trágica humanista. (Lourenço, 1993, p. 97).

Por outras palavras, o escritor foi primordialmente reconhecido pela vanguarda neorrealista inserida nas suas obras. Porém, por volta dos anos quarenta, o estilo de escrita de Vergílio desenvolve-se “[...] como objeto de inquietação e proposta de mediação [...]” (Pinto, 2013, p. 66), incorporando a vertente existencialista e refletindo [...] o artista e o homem que sonha, por um lado, uma harmonia perfeita para a vida, [...] por outro lado, uma resistência a doutrinações fixas, a orientações ideológicas ou até a estéticas que pretendam anular a sua liberdade e a sua consciência (Pinto, 2013, p. 67).

## EXISTENCIALISMO

No decorrer dos marcos históricos provenientes ao Homem, três curtos vocábulos levaram filósofos a encaminharem-se à Ágora, poetas a alcançarem uma página em branco e questionadores a procurarem respostas divinas através de oráculos. Essas três palavras conformam-se na frase: “Quem sou eu?”. Deste modo, tal concepção pode ser culminada mediante o complexo conceito da persistência da identidade. Melhor dizendo: Que parte tua é o “quem”? – A entidade que caminhava sob quatro membros? O atual sujeito? Ou o indivíduo que irás ser daqui a meio século? Além disso, quando é o “sou”? – Este mês? Esta semana? Este dia? Esta hora? Este segundo? E, por fim, que aspeto teu é o “eu”? – És tu apenas o seu corpo material e físico? És tu os teus *pathos* e as tuas ponderações? Ou estarás tu delimitado pelos teus atos? Destarte, tais nebulosas e obscuras águas de lógica abstrata, são extremamente intrincadas de velejar.

Entanto, de forma a exemplificar as precedentes frases, remete-se, neste momento, o artigo para o mito de Teseu. Tal como assevera a narrativa, Teseu – mítico fundador e herói ateniense – embarca em rumo à ilha de Creta, à procura da mítica figura do Minotauro. Após tempestuosas adversidades, o rei de Atenas é eficiente e hábil ao trucidar a enorme criatura com cabeça de touro sobreposta num corpo de homem. Dessarte, Teseu retorna a casa com o título de indígete, ouvindo o ruído dos aplausos atenienses à distância. Durante cerca de mil anos, a população ateniense conserva cuidadosamente o navio que auxiliou Teseu na sua conquista, recriando anualmente a sua jornada marítima, de modo a homenagear e glorificar a sua proeza heroica. Conquanto, com o passar das décadas, o navio começa a demonstrar sinais de uso, bem como fissuras e danos na sua estrutura. Com isto, sempre que uma fração da embarcação se mostrava esmoucada, os áticos eram céleres a substituí-la por uma peça análoga. Até que, a dada altura, não restavam quaisquer fragmentos originais da nau. Tal ocorrência conduz Plutarco (ca. 46 – ca. 120), um filósofo platônico grego, a observar que o navio de Teseu é o insuperável exemplo do paradoxo filosófico que abrange a persistência da identidade. Isto é, Plutarco remete o seu pensamento para a questão: Como é possível que cada parte de algo possa ser permutada e, no entanto, esse algo continue a ser o mesmo? O que leva uma vez mais à indagação: É a identidade imutável ou transmutativa? (s.a., 2020, s.p.). Os vocábulos anteriores pretendem elucidar que uma entidade é um aglomerado de partes que se deparam em constante mudança. Por outras palavras, o corpo físico, o espírito, as sensações e as circunstâncias de um indivíduo sofrem alterações no decurso da sua existência, contudo a essência do *ente* permanece idêntica.

Relembre-se que na Grécia Antiga, Platão (428/427 a.C. – 348/347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) tomam como facultado que todos os seres do mundo, bem como os objetos, detêm e usufruem de uma essência<sup>4</sup> de forma que “algo” logre a ser o que verdadeiramente é. Logo, se tais qualidades se encontram em escassez, esse “algo” será dissemelhante. Serve o exemplo: uma faca pode possuir um cabo de madeira ou um cabo de metal, não importa; contudo, se não tiver uma lâmina, a faca jamais pode ser considerada como tal. Ou seja, é possível afirmar que a lâmina é a propriedade essencial da faca, pois proporciona-lhe a sua função definidora. Com isto, Platão e Aristóteles asseveram a noção de que a essência subsiste em cada ser mesmo antes dele nascer. O que indica que, de acordo com os pensadores gregos, a essência é pregressa à existência.

Posto isto, surge a corrente filosófica intitulada Existencialismo, que vem colocar em causa todas as questões anteriormente referidas. As raízes modernas deste movimento filosófico começam por se inumar no solo por volta do século XIX, porém somente nos primórdios a meados do século XX, particularmente após a Segunda Guerra Mundial, é que o existencialismo adquire efetivamente proeminência. A linha de pensamento existencialista desenvolve-se na Europa e consiste numa reação que refuta todos os modos de alienação do homem, ou seja “[...] este não é um mero *ente*, mas antes um *existente*.” (Reimão 2009, s.p.). Significa isto que os existencialistas desenvolvem a conceção de que o sujeito é capaz de explorar a problemática da existência humana ao centrar-se na própria experiência vivida, o que em troca o habilita a compreender-se a si, bem como à relação que possui com os demais e com o cosmos. Deste modo, o existencialismo pode ser definido como:

[...] um modo de entender a existência enquanto existência humana; [sendo que] a sua atenção centra-se na análise da *existência*. Este vocábulo designa o modo de *estar-no-mundo* do próprio homem; enquanto existência, o homem está sempre ligado ao mundo. O mundo manifesta-se nas estruturas que constituem o homem como *existência*; mas o homem está intimamente ligado aos outros homens. Se a *existência* se refere sempre a uma situação, também a coexistência, a comunicação e a alteridade constituem uma referência fundamental do homem: existir é sempre *ser-com*. [...] A existência é uma realidade individual, singular, subjectiva e finita que não se define nem se traduz conceptualmente. (Reimão, 2009, s.p.).

Daí que, em oposição a Platão e Aristóteles, o pensador francês Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) restitui o seu pensamento à questão da essência e interroga-se: E se se subsiste primeiro? E se se nasce sem qualquer propósito? E, somente depois cada um é

---

<sup>4</sup> Isto é, segundo Aristóteles, um determinado conjunto de características fulcrais e imutáveis.

responsável por encontrar a sua própria essência? As precedentes interrogações levam a que o filósofo, proveniente da cidade das luzes, conclua que “[...] o homem não é o seu próprio fim [...]. [...] o homem *existe* antes de *ser*. O homem deve dar à sua existência um sentido, uma vez que [...]; *ser é escolher-se* através de um livro compromisso.” (Reimão, 2009, s.p.).

Logo, a afirmação “a existência precede a essência” metamorfoseia-se no lema dos existencialistas. Os pensadores da época consideram assim que o nascimento sucede em primeiro lugar, concernindo seguidamente a cada ser a responsabilidade de criar as suas próprias vidas, de encontrar os seus próprios valores e os seus próprios “eus”. Pelo que fora referido previamente, Sartre reflete que um ser entra no mundo sem uma essência pré-determinada. Contudo, a capacidade que o *ente* possui de fazer escolhas livres, dá-lhe a oportunidade de esculpir uma essência única durante o decurso da sua vida.

Jean-Paul Sartre, chega destarte à ilação de que ser-se existencialista é estar-se consciente da existência tal como ela própria subsiste quando é despojada de quaisquer preconceitos e pressupostos estabelecidos em ocorrências diárias. Outrossim, no percurso da plena realização da liberdade, o filósofo parisiense concebe o termo *angoisse*, ou “angústia de existência”. Significa isto que tudo é assustadoramente possível, uma vez que nada dispõe de qualquer sentido ou propósito preordenado, dado por Deus. Para além disso, embora o indivíduo usufrua de liberdade, tal juízo traz consigo um descomunal ónus (Oliveira, s.d., s.p.), visto que, apesar da liberdade coadjuvar a emancipação e a definição de um sujeito, também ela se depara restringida pelos valores morais e éticos de uma sociedade, por vezes, amoral.

### **À indagação do sentido da vida: Existencialismo em Vergílio Ferreira**

Vergílio Ferreira, não obstante, sustenta uma noção díspar do movimento filosófico. O autor de *Manhã Submersa* (1954) descreve o existencialismo “[...] como a corrente de pensamento que, regressada ao existente humano, a ele privilegia e dele parte para todo o ulterior questionar” (Ferreira, 1991, p. 47). Ou seja, ao absorver-se nesta linha de pensamento, a entidade é encaminhada a questionar tudo o que a rodeia; sendo que o essencial não é transpor a meta figurativa patenteada pela resposta, mas, sim, o itinerário executado até ela. Por outras palavras, é a interrogação em si que auxilia o desenvolvimento e o progresso do pensamento crítico do indivíduo. Desta forma, de acordo com

Vergílio Ferreira, não é a noção deste conceito filosófico que caracteriza a matriz existencialista, mas, sim, a sua existência: “[...] eu atrever-me-ia a dizer que todo e qualquer sistema pode ser transposto ao existencialismo – se de facto o puder ser, isto é, se de facto o pudermos recuperar em vivência profunda” (Ferreira, 1991, pp. 47-48).

Outrossim, Vergílio Ferreira contempla no existencialismo mais do que um sistema de pensamento. O escritor observa que o movimento filosófico é “[...] um estado de alma a partir do qual toda a problemática se reconverte no absoluto instauracional do «eu» de quem pensa.” (Sousa, 2008, p. 148), ou seja, da entidade. Idem, apesar da obra tratada no presente artigo ser *Manhã Submersa* (1954), foi com a elaboração do seu romance designado *Mudança* (1949) que Vergílio Ferreira adota pela primeira vez uma identidade um tanto existencialista. Tal como o romancista menciona:

Desde *Mudança* que toda a minha literatura tem que ver com o existencialismo. Mas sendo assim, por força se tem querido descobrir nela o rasto dele, nomeadamente de Sartre. Ora eu só tenho que ver com uma problemática geral, a que não vem codificada em alíneas e parágrafos, a que se define por uma certa posição em face da vida, a que tem menos que ver com Sartre do que com Dostoievski ou Pascal, a que é menos filosofia do que um tonalidade de ser (Ferreira, 1987, p. 571).

Ademais, nas obras de Vergílio Ferreira é possível contemplar a ténue influência do filósofo francês previamente mencionado, Jean-Paul Sartre. Na medida em que, em certa harmonia com o pensador parisiense, Vergílio parte do que imediatamente interessa ao ser humano que tem a capacidade de pensar. Além disso, é desse modo que o autor se interroga e se abre “[...] às realidades primeiras, ao problema da vida e da morte, da liberdade, da própria religião.” (Ferreira, 1995, pp. 44-45). Conquanto, Vergílio expõe similarmente que “[...] o existencialismo de Sartre não [o] influenciou absolutamente em nada, para além de episódios encontros, sempre, aliás, discutíveis.” (Ferreira, 1987, p. 87). Tornando-se dessa forma, num paradoxo metafísico de si mesmo e da sua matriz literária.

Por conseguinte, é notória a necessidade que o autor de *Manhã Submersa* (1954) tinha de compreender o Homem na sua dimensão de animal humano. Ou melhor, Vergílio Ferreira imerge o seu pensamento no facto de que uma entidade ao partir de uma interrogação, que possa provocar inquietação ou angústia, desperta. E, ao despertar, o indivíduo em causa descobre-se como um *ente* que tem vindo a ser um mero existente, ou seja, que simplesmente subsiste. No entanto, por outro lado, um sujeito que é inteiramente, de corpo e espírito, uma unidade, é capaz de descrever patamares de plena realização de si próprio. Desta forma, na sensibilidade de Vergílio Ferreira, o movimento filosófico do

existencialismo é muito mais do que um modo de pensar, edificando-se na arte de sentir o que se pensa (Sousa, 2008, p. 323). Ainda assim, o autor de romances nunca se deixou intitular como existencialista, pois como o escritor José Antunes de Sousa refere:

Aceitar-lhe o rótulo significaria adoptar como critério o sistema e as respectivas consequências, em vez de se manter fiel ao critério absoluto na abordagem de qualquer problemática – o da «vivência profunda». Aceitar ser rotulado de algo é aceitar deixar de sê-lo [...] (Sousa, 2008, p. 149).

Por conseguinte, apesar da literatura do autor de *Manhã Submersa* (1954) poder ser apreciada como essencialmente existencialista, o escritor em si nunca desejou ser consagrado como tal. Posto isto, o pensamento vergiliano pode ser ilustrado e reconhecido pela sua indagação e afirmação, tal como, pela possante distinção que usufrui das imensas reminiscências e evidências de alma do escritor. A vulnerabilidade da obra literária de Vergílio Ferreira é, destarte, caracterizada por um pensamento lógico e racional, sustentado pelo confinamento e condição inerente da vivência profunda do autor (Sousa 2008: 149).

#### ***Manhã Submersa* (1954)**

A subsequente obra é reconhecida como um célebre romance, descrita, nas páginas redigidas por Célia Pinto, como uma “[...] narrativa ficcional de confessados traços autobiografizantes em torno da infância reprimida, de um determinado modelo educativo repudiado pelo autor e da decidida «morte de Deus».” (Pinto 2013: 56). *Manhã submersa*, publicada em 1954, é, outrossim, um manuscrito de discência que se estabelece entre a confluência da estética do neorealismo e do movimento filosófico do existencialismo. Idem, o romance é escrito de um modo característico e individualizador, no qual o narrativo e a emotividade se entrelaçam, sussurrando ao ouvido de cada leitor as recordações e os ímplexos conflitos intelectuais que albergam a época puerícia vivida pela personagem-narrador.

A admissão de Vergílio Ferreira no Seminário do Fundão assiste na recolha de experiências e da profusa matéria que o escritor emprega na sua obra. Esse edifício, situado no distrito de Castelo Branco, leva à inspiração e à escrita de imensas composições literárias esculpidas em blocos de apontamentos. Aliás, “Num desses textos, intitulado “Sobre a campa do nosso companheiro”, [Vergílio Ferreira] recorda o malogrado amigo que o ajudará, mais tarde, na construção [...]” (Vergílio Ferreira Centenário) de uma das personagens da sua narrativa.

Tal como outrora aludido, o que confere o carácter autobiográfico à obra de Vergílio Ferreira, é a perícia e destreza que o romancista demonstra possuir pela metamorfose dos protagonistas das suas narrativas em alter-egos dele próprio. Ou melhor, o escritor é hábil ao projetar-se nas suas personagens. Produzindo, dessarte, um cosmos subjetivo e intimista, bem como um universo lírico, visto que os vocábulos utilizados por Vergílio provêm de uma realidade abstrata que se transmuta para uma experiência vivida. Ao empregar as suas vivências de menino, Vergílio Ferreira “[...] vai tecendo a existência presente com os fios da memória do passado, fios que se multiplicam, fios que se entrelaçam, fios que se ligam uns aos outros num contínuo e ininterrupto gerar-se, reproduzir-se, desenvolver-se” (Silva, 2017, p. 95).

A partir da leitura das palavras compostas por Vergílio Ferreira, o leitor sucumbe à descoberta da impossibilidade de adaptação, por parte das personagens e do autor, ao espaço centrado do Seminário. Revendo tal sítio numa sociedade acromática inserida num cosmos retraído e provincial, atufada de preconceitos e de limitações à prática das faculdades incorpóreas e corpóreas. Demais, apesar do objetivo catártico do romancista, isto é, de revisitação às sombrias e reprimidas memórias da sua infância e adolescência, adese-lhe o irrefutável valor que possui na retratação e reconstituição do mundo intelectual predominante então em Portugal, que convoca ainda deveras respeito aos lusitanos de hoje (Gersão, 2011, s.p.).

De igual modo, o autor transpõe no seu romance, a elocução da solidão como uma das particularidades mais tártaras da condição humana. Com isto, o narrador omnisciente caminha lado a lado com o silêncio que sobrevém do desamparo da entidade divina<sup>5</sup>. Similarmente, existe na obra uma distinção entre a emoção de solidão e o sentimento de isolamento. Enquanto o isolamento é estar-se só, sem ninguém conhecido por perto; a solidão trata-se de uma relação consigo próprio e o artista não se pode perder de si próprio de forma a ser apto a executar a sua arte<sup>6</sup>, ilustrando:

[...] o cântico ao homem e à sua irredutibilidade individual que tanto o afastou do estruturalismo e nele via a morte do homem, o cântico ao homem que assistiu à morte de Deus, tragicamente vivida em *Manhã Submersa*, e se colocou no seu altar com a força iluminadora que de si próprio descobriu irradiar, coexiste com a amarga experiência da desagregação dos valores artísticos, sociais, históricos e ideológicos. Entre todos, a morte da arte é a que assume a dimensão mais trágica, uma morte que é autodestruição (Calafate, s.d., s.p.).

---

<sup>5</sup> Pertinente referir que o romancista, ao contrário de vários existencialistas, jamais refutou a existência de Deus, uma vez que “[...] negar, neste caso, implicaria a possibilidade que aquilo que se nega pudesse existir.” (Sousa, 2008, p. 495).

<sup>6</sup> Sendo que a arte, como refere Vergílio Ferreira, “[...] tem para a vida qualquer coisa de débil, de infantil. E é por isso mesmo que é preciso grande coragem a um artista para assumir a sua arte e enfrentar com ela o público” (Ferreira, 1990, p. 179).

Concludentemente, perpassa tal-qualmente uma tentativa de elevar os dilemas individuais à universalidade do Homem, visto que o autor não expõe um “eu” que fala somente de si, mas, sim, um “eu” mais lato alusivo a toda a humanidade. Todos os impasses herméticos discutidos no mundo romanesco de Vergílio Ferreira seguem uma linha prescrevida, que parte da reflexão sobre o quesito existencial, isto é a questão do “eu”, prosseguindo em direção ao sentido do homem ao Homem, ou seja do indivíduo à raça humana. Dir-se-á se, portanto, que a necessidade que Vergílio Ferreira sente de recompor as condições vivenciais de uma catarse pessoal, demonstra-se como a condição essencial de possibilidade de uma vertente paradigmática metafísica da problemática do homem enquanto tal (Gersão, 2011, s.p.).

## CONCLUSÃO

Pelo que fora outrora exposto, é exequível epilogar que a forma como o indivíduo pensa, sente e age espelha-se na sua existência. O modo como o *ente* existe ou vive, terá sempre consequências nas suas atitudes e sentimentos. Idem, no caso de *Manhã Submersa* (1954), uma vez inserido numa posição opressora limitada, o espírito e corpo do protagonista são constantemente subordinados por esse preciso dilema, conduzindo a personagem a extremos que acabarão por caracterizá-lo. Destarte, é possível verificar que a forma como o *ente* vive e existe no mundo, influenciará infundavelmente a forma como o mesmo é percecionado. Deste modo, a matriz literária de Vergílio Ferreira encontra-se suspensa por fios de reminiscências que elucidam, de uma forma mais desafogada, o seu carácter existencialista. Visto que, o romancista habitado pelo pensador reconstrói paulatinamente o cosmos do narrador, tendo em conta as indagações advindas do seu próprio desassossego de existir.

Por último, no que concerne o quesito previamente colocado, é exequível afirmar que em nenhum outro manuscrito do romancista da Serra da Estrela, o leitor é capaz de evidenciar a problemática individual, que se manifesta de forma constante e invariável, a ser adaptada à dimensão do dilema face ao indivíduo e à sua subsistência. Por conseguinte, em *Manhã Submersa* (1954), perdura uma nítida primazia metafísica no que é redigido pelos pensamentos e porta-penas de Vergílio Ferreira o que, por sua vez, se afluí com a temática do movimento filosófico de Sartre. Metamorfoseando, dessorate, este romance vergiliano num retrato existencialista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Calafate, P. (s.d.). “Vergílio Ferreira (1916-1997)”. Filosofia portuguesa. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/1910j.html>

Ferreira, V. (1981). *Vergílio Ferreira, um escritor apresenta-se*, (apresentação, prefácio e notas de Maria da Glória Padrão). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Ferreira, V. (1987). *Conta-Corrente V*. Lisboa: Bertrand Editora.

Ferreira, V. (1990). *Apelo da Noite*. Lisboa: Bertrand Editora.

Ferreira, V. (1991). *Espaço Invisível II*. Lisboa: Bertrand Editora.

Ferreira, V. (1995). *Espaço Invisível IV*. Lisboa: Bertrand Editora.

Ferreira, S., & Godinho, H. (1993). *Vergílio Ferreira – Fotobiografia*. Lisboa: Bertrand Editores.

Gersão, T. (2011). Vergílio Ferreira: a procura do sentido da vida. In: *Ler + ler melhor – Vida e obra de Vergílio Ferreira*. Porto: Filbox Produções. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/vergilio-ferreira-a-procura-do-sentido-da-vida/>

Lourenço, E. (1993). «Sobre Vergílio Ferreira», *O canto e o Signo – Existência e Literatura*. Lisboa: Editorial Presença.

Oliveira, V. (s.d.). “Sartre e a liberdade.” In: *Obvious*. Disponível em: [http://obvious-mag.org/do\\_ser/2017/sartre-e-a-liberdade.html](http://obvious-mag.org/do_ser/2017/sartre-e-a-liberdade.html)

Pinto, C. M. C. (2013). *De Conta-Corrente aos diários Pensar e Escrever de Vergílio Ferreira*. (Tese de Doutoramento). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/11803/1/De%20Conta-Corrente%20aos%20di%C3%A1rios%20Pensar%20e%20Escrever%20de%20Verg%C3%ADlio%20Ferreira\\_C%C3%A9lia%20Pinto.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/11803/1/De%20Conta-Corrente%20aos%20di%C3%A1rios%20Pensar%20e%20Escrever%20de%20Verg%C3%ADlio%20Ferreira_C%C3%A9lia%20Pinto.pdf).

Reimão, C. (2009). *s.v. Existencialismo*. E-Dicionário de Termos Literários (EDTL). Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/existencialismo/>

Silva, M. (2017). Vergílio Ferreira e o espanto de existir: uma interpretação de *Aparição*. *Litterata. Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*, 4 (2), 94-99. <https://doi.org/10.36113/litterata.v4i2.883>

Sousa, J. A. (2008). *Vergílio Ferreira e a Filosofia da Sua Obra Literária*. Lisboa: Instituto Piaget.

(s.a.) (2020). “A identidade e o navio de Teseu”. In: *A mente é maravilhosa*. Internet. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/a-identidade-e-o-navio-de-teseu/>

(s.a.) (s.d.). “Vergílio Ferreira Centenário 1916-2016”. Disponível em: <https://vergilio-ferreira.pt/11-2/>